

A caracterização da concordância nas línguas de sinais

Ronice Müller de Quadros (Universidade Federal de Santa Catarina) & Josep Quer (ICREA-Universitat Pompeu Fabra)

1. Introduction

A concordância nas línguas naturais é entendida de maneira bastante ampla como um fenômeno gramatical onde os traços formais de um elemento (o alvo da concordância) são determinados pelos traços de outro elemento (o controlador da concordância) em uma relação de covariância (veja Steele, 1978, por exemplo). Desde os primeiros estudos da morfologia das línguas de sinais (LS) tem sido proposto que há um conjunto de verbos nos léxicos das línguas de sinais que apresentam propriedades morfológicas que correspondem ao fenômeno da concordância com argumentos¹. No entanto, na literatura de estudos linguísticos das línguas de sinais, a concordância continua sendo analisada por ser considerado um fenômeno não resolvido, apesar de ter sido considerada quanto as propriedades específicas impostas pela modalidade. O ponto principal da discussão tem se referido às propriedades (não) linguísticas dos controladores (ver por exemplo Liddell 2003 ou Schembri e Cormier 2009), um aspecto que será retomado neste trabalho na seção 2.5. No entanto, nós assumimos, independente dessas especificidades derivadas da modalidade, a natureza linguística da concordância (diferente de Liddell 2003, por exemplo, e no sentido de Meier 2002 que apresenta argumentos que sustentam o caráter estritamente linguístico da concordância nas línguas de sinais).

A classificação tripartida dos verbos das línguas de sinais (Padden 1983/1988) está baseada na suposição de que a concordância identificada em verbos espaciais e verbos com concordância sejam diferentes: enquanto os primeiros apresentam concordância locativa (ou seja, com locais associados com argumentos locativos), os segundos concordariam morfológicamente com os argumentos ocupando as posições de sujeito ou de objeto (isto é, com locais ligados aos seus referentes). No entanto, ambas

¹ Neste artigo, restringimos nossa discussão quanto à marcação manual, não entrando no mérito das análises da concordância não manual como proposto por Kegl et al (2000) para a ASL. Para uma revisão a respeito e críticas possíveis a esta proposta, veja Sandler & Lillo-Martin (2006) e Thompson et al. (2006).

as classes de predicados expressam movimento e concordância sujeito-objeto com o mesmo tipo de elemento morfológico para realizar diferentes tipos de concordância: a trajetória que ambos os tipos de verbos realizam.

A contribuição semântica do morfema nessas duas classes verbais poderia ser essencialmente a mesma: nos verbos espaciais tem os pontos iniciais e finais da trajetória alinhados com as localizações e os verbos com concordância alinhados com os locais do sujeito e do objeto. Uma vez que os verbos com concordância denotam transferência de um tema tanto nos sentidos literal ou abstrato, a generalização semântica é estabelecida para os pontos envolvidos no morfema de trajetória poderem assinalar os papéis-theta de fonte e alvo nos dois argumentos (Fischer & Gough 1975, Meir 1998). Para os verbos espaciais, isso é muito claro; para os verbos com concordância, o sujeito e o objeto como a fonte e o alvo considerados [+human], assim classificados com papéis de agente e benefactivo, respectivamente (Rathmann & Mathur 2008).

No entanto, há problemas com essas análises. A sub-classe de verbos chamada de ‘verbos reversos’ apresenta o seguinte comportamento: o alinhamento da trajetória não é com o sujeito e o objeto, mas com a fonte e o alvo, o que resulta em uma trajetória que vai do locus do objeto para o locus do sujeito. Meir (1998) resolve isso propondo que concordância morfológica com a fonte e alvo marcada pela trajetória é separada da concordância sintática com o sujeito e o objeto marcada pela orientação da face da mão na língua de sinais israelense (ISL)².

Além disso, há necessidade de analisar aspectos da concordância nas línguas de sinais que receberam pouca atenção na literatura relevante. Uma análise mais detalhada dos dados empíricos torna necessária a revisão e reformulação de alguns pressupostos das análises clássicas considerando a caracterização da concordância das línguas de modalidade visual-espacial.³

Neste capítulo, nós apresentamos as idéias básicas das diferentes análises sobre a concordância nas línguas de sinais e propomos uma caracterização mais acurada da concordância, da tipologia verbal e dos predicados chamados de auxiliares nas línguas

² Meir (2002) oferece uma versão mais elaborada desta análise baseada em sua proposta original.

³ Como vamos abordar mais adiante, alguns casos tratados como periféricos ou exceções às regras gerais de concordância (por exemplo, concordância com inanimados ou verbos com concordância que são transitivos) são produtivos e não podem ficar de fora de uma análise considerando os dados empíricos, portanto, não podem deixar de serem tratados no contexto do fenômeno da concordância.

de sinais. Para isso, trazemos evidências empíricas da língua de sinais brasileira (LSB) e da língua de sinais catalã (LSC).

2. Concordância verbal e classes verbais nas línguas de sinais

2.1 Concordância sintática vs concordância temática

Há uma discussão clássica na literatura referente às línguas de sinais sobre o estatuto da concordância nestas línguas. A realização morfológica da concordância é entendida como o movimento entre dois pontos associados com os argumentos de alguns verbos. Pesquisadores como Kegl (1985), Meier (1982) Padden (1983/1988), Janis (1992, 1995), Fischer (1996) e Mathur (2000) apresentaram diferentes análises identificando concordância como algo determinado por razões semânticas e/ou sintáticas e dando um estatuto diferenciado à concordância espacial. Por um lado, concordância sintática (e/ou semântica) é interpretada como uma relação gramatical estabelecida com o sujeito e/ou com o objeto do predicado (Fischer 1973) e é morfológicamente realizada pela trajetória do movimento e/ou orientação da mão⁴. Por outro lado, a concordância espacial é uma relação locativa com pontos no espaço de sinalização correspondendo à localizações. Quando estes pontos representam o ponto inicial e o ponto final de um movimento, eles são interpretados como argumentos locativos de verbos de movimento (FONTE-ALVO). Por exemplo, os verbos IR e LEVAR tanto na LSB como na LSC.

No entanto, há propostas que discordam dessas interpretações. Kegl (1985), por exemplo, observou que tanto os verbos de concordância de pessoa como os espaciais concordam com FONTE-ALVO, uma linha de análise desenvolvida também por Meir (1998, 2002). Nesses casos, os papéis temáticos são os controladores do alvo da concordância.

As possibilidades da concordância manifestos nos predicados das línguas de sinais não são uniformes e os verbos lexicais apresentam diferentes comportamentos quanto à concordância. Entre diferentes línguas de sinais descritas até então, esse comportamento morfológico é recorrente. A classificação verbal mais comum é a proposta por Padden (1983/1988, modificada em 1990:119) para a língua de sinais

⁴ Para o presente trabalho, nós tratamos orientação da mão ('face' nos termos de Meir) como expressão de concordância morfológica no verbo.

americana. A autora apresenta uma classificação tripartida conforme segue: (1) verbos simples que não flexionam para pessoa e número e não tomam afixos locativos; (2) verbos com concordância que flexionam para pessoa e número; e (3) verbos espaciais que não flexionam para pessoa, número ou aspecto, mas tomam afixos locativos. Notem que Padden diferenciou flexão de afixação com verbos de concordância e verbos espaciais, respectivamente (concordância sintática e morfológica). Segue alguns exemplos de verbos que se enquadrariam nesta classificação tanto na LSB, como na LSC e na ASL:

- 1) Verbos simples: PENSAR, SONHAR, DORMIR
- 2) Verbos com concordância: ENTREGAR, AVISAR, AJUDAR
- 3) Verbos espaciais: IR, VIR, LEVAR

A terminologia adotada para as classes verbais da ASL não foram universalmente aceitas. Alguns pesquisadores utilizaram outros termos para identificar os verbos. Por exemplo, Loew (1984), Lillo-Martin (1986) e Emmorey (1991) mantêm a classificação e usam o termo ‘verbos com concordância’ (*agreement verbs*). Outros, no entanto, como Supalla (1990), chamam de ‘verbos de movimento’ (*movement verbs*). Fischer (1973), Fischer & Gough (1978), e Baker & Cokely (1980) chamam de ‘verbos direcionais’ (*directional verbs*). Padden (1983) inicialmente chamava de ‘verbos flexionados’ (*inflectional verbs*), mas em Padden (1990), ela adota o termo ‘verbos com concordância’ (*agreement verbs*) reconhecendo que os verbos flexionados incluem os verbos com concordância e os verbos espaciais, assim como qualquer outro tipo de flexão que poderia estar afixada ao verbo. Janis (1995) usa o termo ‘concordância locativa’ (*locative agreement*) e ‘concordância não-locativa’ (*non-locative agreement*), para referir a flexão locativa e a flexão de concordância respectivamente. A razão para a proliferação dos termos provavelmente está associada à forma da flexão afixada ao verbo e, também, ao estatuto da concordância. Além disso, parece haver verbos que não se enquadram estritamente na classificação tripartida dos verbos: são os verbos que estão no limbo (*fuzzy verbs*), uma vez que suas propriedades temáticas e gramaticais podem identificá-los como estando em mais de uma classe. Kegl (1985:35) nota que a necessidade de recorrer as noções temáticas, tais como a de agente, paciente, fonte e alvo “surge do fato das línguas como inglês não haver correlação fixa entre papéis semânticos/temáticos e relações gramaticais”. Essa observação é relevante e se estende

às línguas de sinais, mas um problema importante para separar as noções que a marcação das funções gramaticais de caso ou as preposições não são produtivas nessas línguas, exigindo, portanto, outro tipo de evidência de forma mais indireta. A ordem das palavras é uma pista para a função sintática em algumas línguas de sinais, mas pode ser alterada por meio de outras operações sintáticas relacionadas com a estrutura informacional. Neste trabalho, procuramos buscar pistas desencadeadas pela ordem na sentença estabelecida a partir de operações sintáticas, mas de forma assimétrica entre um tipo e outro de verbo.

2.2 Concordância temática: incorporando os verbos reversos

O estatuto atribuído à concordância por Meir (1998, 2002) está restringido às relações semânticas estabelecidas pela trajetória (*'path'*). Meir (1998) apresenta que a direcionalidade deve ser revisada por causa da existência dos verbos reversos. Esses verbos são predicados de concordância que apresentam uma posição inicial localizada no objeto e uma posição final localizada no sujeito, exatamente o contrário do que acontece com os verbos com concordância. Na análise de Meir, a direção da trajetória marca relações semânticas (ou temáticas) entre os argumentos do verbo enquanto que a face da(s) mão(s) marca as relações sintáticas entre os argumentos dos verbos (Meir, 1998). A autora argumenta que a direcionalidade não é um elemento fonológico relevante para a caracterização das relações gramaticais entre os argumentos, mas sim, a face das mãos é que é determinante. Face é a direção em que a palma (e/ou os dedos) estão orientados nos verbos com concordância, determinados pela localização referencial do objeto argumental do verbo.

Os verbos reversos são os verbos mais apropriados para sustentar a proposta de Meir. Nesses predicados, a direção do movimento não inicia na posição gramatical associada ao sujeito e não termina na posição gramatical associado ao objeto, mas ocorre exatamente o contrário. Mas, a face da mão continua direcionada para o objeto preservando a relação gramatical. Portanto, Meir propõe a existência de uma marcação dupla, ou seja, uma concordância temática marcada pela trajetória (FONTE-ALVO) e uma concordância sintática marcada pela orientação da face da mão voltada para o objeto. Alguns de seus exemplos de verbos reversos são encontrados tanto na ASL como na língua de sinais israelense (ISL) como COPIAR, CONVIDAR, PEGAR ou TIRAR-VANTAGEM.

A análise de Meir difere de como os verbos reversos são analisados na proposta da Padden que apresenta uma explicação exclusivamente sintática, ou seja, os verbos reversos apresentam concordância reversa com o sujeito e o objeto. Um argumento forte dado pela Padden em favor desta análise é a omissão da marcação de concordância do sujeito comum tanto nos verbos regulares de concordância como nos verbos reversos. Isso não poderia acontecer em uma abordagem puramente temática, pois se teria que especificar que em verbos de concordância regular deveria omitir a FONTE, enquanto que nos verbos reversos deveria ser o argumento associado ao ALVO.

2.3 Concordância sintática vs. locativa

Padden apresenta três testes que objetivam diferenciar a natureza sintática e locativa da concordância nos casos onde há uma similaridade superficial dos morfemas envolvidos na flexão verbal. A autora distingue entre ‘concordância de pessoa’, em que os morfemas de pessoa apresentam contraste entre primeira e não-primeira pessoa e ‘localização espacial’, quando o que é referido é qualquer ponto físico no corpo ou ao redor do corpo do sinalizante.

Com verbos espaciais, a interpretação é locativa, uma vez que é interpretado como movimento entre localizações específicas no espaço (1b); e concordância sintática implica em interpretação pessoal dos vetores envolvidos no movimento, ou seja, os pontos inicial e final do movimento correspondem a posições associadas com os argumentos de sujeito e objeto.

- (1) a. 1-ENTREGAR-2
‘(Eu) entrego (a você).’
- b. a-CARREGAR-PELA-MÃO-b
‘(Eu) carrego-algo-pela-mão (daqui) (para lá).’

Padden propõe que no primeiro exemplo (1a), há concordância com o sujeito; ou seja, a primeira pessoa marcada pela posição inicial do movimento no corpo do sinalizante. No segundo exemplo (1b), o ponto inicial é a localização próxima ao corpo do sinalizante. No entanto, neste caso há um morfema locativo no lugar do morfema de pessoa com a primeira pessoa, mesmo que pareça ser concordância de pessoa. Ela mostra essa diferença ao listar as possíveis variações de (1b): ‘Eu carrego daqui (perto

do corpo do sinalizante) para ali’, ‘Eu carrego daqui (perto da parte de baixo do corpo do sinalizante) para ali. No entanto, quando houver variação da posição inicial do corpo do sinalizante (mais para cima ou mais para baixo) sempre irá significar a primeira pessoa do discurso, mesmo havendo certa variação da localização do sinal.

Outro teste apresentado pela autora foi a marcação distributiva (conhecida também como marcação exaustiva) que consiste de uma reduplicação da marca de concordância com argumento no plural que só pode aparecer com verbos que marcam concordância pessoal (2a). Uma forma similar é observada com verbos espaciais mas com interpretação locativa (2b), em que os pontos repetidos são interpretados como localizações específicas, conforme as traduções para o português das glosas procuram evidenciar.

- (2) a. 1-DAR-3dist
‘Eu dei isto para cada um deles.’
b. COLCOCAR-a COLOCAR-b COLOCAR-c
‘Eu coloquei aqui, ali e lá.’

O terceiro teste é com a marca de reciprocidade, em que uma das realizações possíveis consiste da produção espontânea com as duas mãos de uma trajetória duplicada em direções opostas que ocorre exclusivamente com verbos de concordância (3a). Formas análogas com verbos espaciais recebem interpretação locativa (3b).

- (3) a. a-DAR-b/b-DAR-a
‘Eles deram alguma coisa um para o outro.’
b. a-COLOCAR-b/b-COLOCAR-a
‘Eu troquei duas coisas de um lugar para o outro (um pelo outro).’

Rathmann & Mathur (2008) apresentam alguns testes adicionais para testar o contraste entre os verbos com concordância e os verbos espaciais. Primeiro, não há FONTE (*source*) XP com verbos com concordância (4a), mas é possível encontrar com verbos espaciais (4b), exemplos da ASL.

- (4) a. *PAPER JOHN-i BILL-j MARY-k j-GIVE-k
‘John gave paper from Bill to Mary.’

‘John deu o papel de Bill à Maria.’

- b. PAPER JOHN-i HOME-a SCHOOL-b a-BRING-b

‘John brought paper from home to school.’

‘John levou o papel de casa para a escola.’

Segundo, os verbos com concordância não podem modificar a trajetória, enquanto os verbos espaciais podem. De acordo com os autores, o movimento interrompido no caminho da trajetória com verbos com concordância é agramatical resultando em (5a), enquanto é gramatical com verbos espaciais conforme apresentado em (5b).

- (5) a. *PAPER JOHN-i MARY-j i-GIVE-j (halfway)

‘John gave paper halfway to Mary.’

‘John daria o papel à Maria.’

- b. PAPER JOHN-i SCHOOL-a BRING-a (halfway)

‘John brought paper halfway to school.’

‘João levaria o papel à escola.’

O terceiro teste apresentado pelos autores é que o argumento com papel-theta de ALVO (*goal*) nos verbos com concordância não podem ser questionado por ONDE (WHERE) (6a), enquanto os espaciais podem em (6b).

- (6) a. WHO/*WHERE JOHN-i i-GIVE PAPER

‘Who/*where did John give paper to?’

‘Para quem/*onde John deu o papel?’

- b. *WHO/WHERE JOHN-i BRING-a PAPER

‘*Who/where did John bring paper to?’

‘*Para quem/onde John levou o papel?’

Posteriormente, estes argumentos empíricos serão retomados, no sentido de questionar sua validade e serão recolocados na perspectiva da proposta apresentada neste trabalho.

Rathmann e Mathur (2008) analisam a concordância verbal nas línguas de sinais como resultado de uma inovação lingüística que permite a interação das propriedades

lingüísticas da concordância com o gesto: se um verbo seleciona dois argumentos animados, eles podem participar na concordância com o sujeito e o objeto com traços de pessoa e número. É importante perceber que esta posição reduz a concordância verbal à concordância com argumentos animados, excluindo concordância pessoal com entidades inanimadas. Como será apresentada mais adiante, esta proposta está diante de desafios empíricos para dar conta do que é chamado de concordância verbal com argumentos inanimados. Este aspecto é crucial na elaboração de nossa proposta.

2. 4 Consequências para as classes verbais e a divisão entre concordância sintática e locativa

A divisão entre verbos com concordância e espaciais mantém-se relevante por razões sintáticas, uma vez que esses verbos diferem no que se refere ao tipo de traços a ser checado no sintagma de concordância (cf. discutido por Janis 1995)⁵. No entanto, nós apresentamos nesta seção que a classificação verbal proposta por Padden não é sempre apropriada, pelo menos se houver o entendimento de classes exclusivas. Nos dados analisados no presente trabalho, há verbos simples com traços locativos, assim como há verbos com concordância com traços de concordância locativa e verbos espaciais com traços de concordância pessoal.

Há diferentes classificações dos verbos na literatura que refletem a dificuldade no estabelecimento das fronteiras entre as classes verbais das línguas de sinais, por exemplo da ASL. Um exemplo é de um estudo proposto por Fischer e Gough (1978) identificando três aspectos que correspondem à flexão verbal para pessoa: direcionalidade, reversibilidade e localidade. A classe de verbos direcionais foi analisada pelas autoras incluindo aqueles verbos que movem fisicamente na direção do argumento ou argumentos estabelecidos no espaço. Nessa direção, esta classe é muito mais abrangente do que a classe de concordância verbal proposta por Padden (1983/1988), uma vez que nessa classe são incluídos verbos como DAR, LEVAR, CARREGAR, MORDER, BATER, MACHUCAR e SANGRAR que concordam tanto com NPs como com PPs (locativos) na ASL. Seguindo a classificação de Padden, esses verbos são de concordância ou são espaciais. Talvez Fischer e Gough já tivessem captado a idéia que estamos desenvolvendo em nossa análise: há razões para considerar

⁵ A marcação não manual, no sentido proposto por Neidle et al. 2000, somente envolve concordância pessoal e não concordância espacial, mantendo, portanto a dualidade que referimos neste texto.

ambas classes como instâncias de uma classificação imprecisa (vaga), mesmo havendo outras razões que pudessem distingui-las.

De acordo com Fisher e Gough, reversibilidade é um processo que está parcialmente relacionado com a direcionalidade. Os verbos ENCONTRAR e FREQUENTAR na ASL são verbos reversíveis, ou seja, há uma mudança na orientação da mão além da direção do sinal. Esses verbos são considerados verbos com concordância em análises mais recentes (Padden 1990, Baker e Cokely 1980). No entanto, nessa classe Fischer e Gough também incluíram verbos como MATAR e MORDER, que geralmente não são analisados como verbos de concordância. Esses verbos podem ser sinalizados na direção de uma localização a que referem ou eles podem ser sinalizados em posições neutras. No primeiro caso, eles parecem ter flexão e no segundo parecem ser simples. Esse tipo de exemplo reflete a imprecisão das fronteiras da classificação mencionada anteriormente.

A última característica da flexão verbal mencionada por Fischer e Gough é a localidade. Os autores apresentam QUERER como exemplo de um verbo locativo, uma vez que este sinal pode ser articulado tanto próximo à localização do sujeito, como próxima à localização do objeto. Padden (1990) analisa o verbo QUERER na ASL como um verbo simples que pode estar associado a um clítico locativo.

Interessante observar que Fischer e Gough apresentam exemplos de verbos que podem apresentar combinações das três características, isto é, podem ser direcionais, ser reversíveis e locativos. Os exemplos apresentados pelos autores incluem verbos do tipo de ALISAR, ENGANAR, FREQUENTAR, MATAR e PINTAR. Também, os verbos ODIAR, EMPRESTAR, OLHAR e ALIMENTAR podem ser tanto direcionais como reversíveis, enquanto TRANCAR, DEVER e LASTIMAR podem combinar reversibilidade e localidade. Esses são exemplos que ainda carecem de uma análise clara, se houver uma classificação rígida.

Quanto aos verbos simples, Fischer e Gough (1978) descrevem-nos como exceções. Por exemplo, os verbos OUVIR, ESCUTAR, AMAR, COMER, DECIDIR, ELOGIAR, DANÇAR, ASSOCIAR, INGRESSAR e INTICAR são considerados exceções porque não apresentam concordância. De modo geral, os pesquisadores concordam que estes verbos fazem parte de um conjunto diferente dos verbos que apresentam concordância aberta.

Como já discutido na seção 2.3, Padden (1990) apresenta evidências para a diferenciação entre afixos locativos espaciais e concordância de pessoa e número para

verbos de concordância. Em relação a isso, Janis (1992, 1995) adota uma proposta diferente, uma vez que a autora estabelece que a concordância nas línguas de sinais marca concordância de caso, controlada pelo caso que o argumento dos verbos concorda e não por papéis temáticos. Assim, tanto a concordância locativa, como a de pessoa e número se enquadram como proeminentes para marcar caso. Janis (1992:282) observa que uma análise da distribuição verbal não pode prever que um verbo irá concordar com o quê, nem o qual a forma que a concordância irá tomar em todas as situações possíveis. A partir desta perspectiva, a autora considera que o caso dos verbos tais como COPIAR ou ANALIZAR na ASL possa ocorrer com objetos animados ou inanimados dependendo do caso locativo ou direto que estará controlando a concordância. Isso dispensa a estipulação de duas entradas lexicais para cada verbo. Sua posição nesse sentido se alinha a proposta elaborada no presente trabalho. No entanto, nossa análise se diferenciará de Janis em relação a outros aspectos abordados posteriormente.

É crucial observar que apesar da localização espacial ser diferente da concordância pessoal, é possível haver concordância pessoal com verbos considerados verbos espaciais, assim como observado no exemplo (1b), uma vez que há licenciamento do sujeito nulo (cf. Quadros 1999:105-106 for LSB).⁶ Em um exemplo na LSB equivalente a (1b), um argumento nulo é licenciado para a sentença (7) ser gramatical:

- (7) <_{a+1}>CARREGAR-PELA-MÃO<_b>
'Eu carrego-pela-mão isto (daqui) (para lá).'

Se não houvesse concordância com o sujeito, o locativo por si não poderia licenciar o sujeito nulo, conforme ilustra o exemplo agramatical em (8):

- (8) *<_a>CARREGAR-PELA-MÃO<_b>
'(Ele) carrega-pela-mão isto daqui (um lugar que não coincide com o sujeito) para lá.'

⁶ Um caso similar a este foi discutido por Padden (1983/88) para verbos espaciais: segundo a autora, mesmo se algumas vezes o locus da fonte ou do alvo do movimento coincide com o locus de pessoa, este não apresenta concordância pessoal, mas somente um afixo locativo.

A sentença (8) poderia ser gramatical se somente se o sujeito fosse pronunciado. (7) é possível porque fonologicamente, a concordância e o locativo têm a mesma forma expressa no mesmo ponto; como consequência, o pronome nulo para o sujeito é licenciado e a sentença é gramatical. Os pronomes nulos são licenciados em algumas línguas, tais como na ASL e na LSB, porque essas línguas são pro-drop (Lillo-Martin 1986, Quadros 1995). Nessas duas línguas, há restrições no licenciamento de pronomes nulos. A restrição básica concerne na informação carregada pelo verbo, isto é, se o verbo inclui informação de concordância relacionada à pessoa, ele licencia argumentos nulos (externo e/ou interno). Portanto, como mencionado anteriormente, parece que a marca locativa associada com verbos espaciais pode ser combinada com concordância não-locativa.

Esta proposta difere da de Padden (1990), que exclui concordância com sujeitos gramaticais com verbos espaciais. A autora segue Supalla (1986) e Liddell (1984) assumindo que a morfologia de concordância não pode co-ocorrer com a morfologia locativa.

A conclusão de Padden é que o espaço do sinalizante tem diferentes dimensões em cada nível de análise (espaço fonológico em contraste com localizações; espaço morfológico com concordância e espaço sintático com indexação e anáfora). Considerando os fatos em (3) e (4), parece que são possíveis combinações entre os diferentes níveis quando a sentença for produzida, contra a análise de Padden.

Kegl (1985:108) discute um tipo de verbo que não se enquadra na categoria dos verbos de concordância do tipo do verbo DAR, nem sob a categoria do tipo do verbo CARREGAR (espacial), mas se enquadra no “meio do caminho”, ou seja, entre as duas categorias: por exemplo ENTREGAR (na glosa em inglês HAND-OVER). Este verbo tem uma localização associada com um locativo (fonte) e uma outra com pessoa (alvo). Nesse exemplo, o sinal pode ser interpretado com ou sem a noção de transferência de posse. A análise de Kegl é relevante, uma vez que mostra uma forma diferente de abordar a distribuição verbal na ASL e dá conta da classe de concordância híbrida ou mista à qual nos referimos no presente artigo. Sua análise estabelece que DAR é uma extensão de CARREGAR para a classe de verbos de posse e que INFORMAR é uma extensão de DAR para a classe de verbos cognitivos. O que faz a diferença entre os verbos está na divergência das formas que apresentam um tipo de classificador manual com cada instância produzida.

Quadros (1999), assim como Janis, adota somente uma divisão entre os verbos, uma de verbos que marcam concordância e outra de verbos que não marcam, ou seja, verbos não-simples e verbos simples, respectivamente, seguindo sua terminologia. Seu argumento é motivado sintaticamente, uma vez que a estrutura sintática tem formas diferentes associadas com verbos não-simples e verbos simples na LSB. Não há evidência na sintaxe para manter a divisão entre verbos espaciais e verbos com concordância pessoal; contudo, a autora reconhece o papel das relações semânticas específicas a cada tipo de verbo. No entanto, Quadros também percebeu que não fica clara a relação de pertencimento às classes considerando cada tipo verbal: um verbo de concordância de pessoa pode se comportar como um verbo espacial; um verbo simples pode apresentar concordância de pessoa ou locativa.

Janis (1992) identificou uma relação entre os verbos espaciais e os de concordância pessoal similar ao que foi analisado por Kegl (1985) como uma relação metafórica entre os dois grupos. Mas, ao invés de propor uma análise do tipo da de Kegl, Janis propôs uma análise considerando a relação histórica: verbos não locativos (concordância) seriam formas lexicalizadas de predicados classificadores. Ela observou que a proposta lexical de Padden corretamente prevê que todas as marcas de concordância no verbo serão do mesmo tipo (sujeito/objeto ou locativa). No entanto, como apontado acima, alguns verbos podem ser produzidos com mais de um padrão de concordância (locativa ou pessoal), portanto, tendo que ser analisadas como duas entradas lexicais. A análise precisaria então prever que há dois verbos ENSINAR na ASL em (9), um que pertence a classe dos verbos com concordância pessoal e outro pertencente a classe dos verbos simples, sem concordância. A lexicalização como verbo de concordância ou como verbo simples dependeria da animacidade do argumento interno como controlador da concordância.

- (9) a. TOM(a) a-TEACH-b [STUDENTS H-S](b)
‘Tom teaches high school students.’
‘Tom ensina alunos do segundo grau.’
- b. TOM TEACH MATH
‘Tom teaches math.’ (Janis 1995: 203)
‘Tom ensina matemática.’

No entanto, estas duas ocorrências de ENSINAR na ASL podem pertencer a mesma entrada lexical e diferirem apenas quanto a concordância correlacionar com a presença ou ausência do argumento beneficiário (alvo). O exemplo em (10) da LSB ilustra que ENSINAR pode aparecer com argumentos dos dois tipos na mesma sentença, com a concordância marcada no verbo.

- _____t
- (10) IX-1 MINHA FILHA IX-3 ENSINAR-3 PORTUGUÊS (LSB)
'Eu ensino português para minha filha.'

Considerando a existência de classes lexicais, este exemplo não poderia aparecer com a forma concordada considerando a co-ocorrência com o argumento 'português'. Este verbo estaria listado duas vezes, uma com a forma concordada e outra com a forma simples. Isso geraria claramente um cenário indesejável e poderia ser um artifício exclusivo dos exemplos ilustrados na ASL. Considerando o exemplo na LSB, a grade temática completa do verbo ENSINAR pode ser realizada com apenas uma instância do verbo ENSINAR. A chamada forma 'simples' aparece quando não houver um beneficiário (alvo) explícito realizado e, portanto, o verbo aparece com a concordância com o objeto não marcada (neutra). Além disso, na LSB é possível ter a ordem SOV restrita às sentenças com verbos com concordância marcada, mesmo quando o verbo aparece com a concordância não marcada (cf. ilustrado no exemplo a seguir).

- (11) IX-1 MATEMÁTICA ENSINAR
'Eu ensino matemática.'

Esta evidência sugere que a concordância é um fenômeno morfossintático que não se restringe à sua marcação realizada abertamente por meio de uma trajetória. Como argumentado por Neidle et al. (2000) considerando a ASL, pode haver formas neutras da concordância sem a sua marcação realizada por meio da trajetória ou pela orientação da mão. De fato, os verbos com concordância podem apresentar objetos não especificados aparecendo sem a marca de flexão realizada, ou seja, sem a trajetória ou orientação direcionada por estarem realizados na direção não especificada no espaço neutro, dando a impressão de serem 'simples'. Isso acontece, por exemplo, quando o objeto é negativo ou genérico, como em (12).

(12) _____neg

IX-1 ENCONTRAR NINGUÉM

‘Eu não encontrei ninguém.’

Como mencionado por Janis, seria importante frisar que a análise da classe verbal não pode prever quando uma forma específica de concordância irá ocorrer. Assim como ela observou, nós vamos afirmar que são as propriedades dos traços do controlador da concordância que vão determinar a forma verbal e não a sua possível classe verbal.

2.5 A natureza do controlador da concordância nas línguas de sinais

Um aspecto importante para a análise da concordância nas línguas de sinais consiste na caracterização apropriada do elemento que controla os traços de concordância do verbo. Alguns autores analisam o fenômeno da concordância como sendo de outra natureza, porque as formas dos verbos não flexionam na base dos traços que carrega pelos argumentos nominais por si mesmos, mas sim pelas localizações no espaço de sinalização que são associadas ao verbo.⁷ As localizações dos sinalizante e o interlocutor são dadas como *default* e as dos não-participantes presentes no discurso são determinadas no contexto do enunciado. Os referentes não-participantes são introduzidos lexicalmente e assinalados em localizações arbitrárias no espaço de sinalização. Há uma discussão extensa na literatura sobre a natureza de tais localizações que nós não iremos retomar neste artigo. No entanto, cabe ressaltar que essa especificidade “idiossincrática” dos controladores de concordância nas línguas de sinais pode ser recolocada se houver determinação em dar conta dos fatos tais como o licenciamento de argumentos nulos (pro-drop). O licenciamento dos argumentos nulos leva a análise geral de argumentos NPs serem constituintes ligados a posições argumentais nos predicados. Como visto na seção anterior, o fato de um forma verbal não realizar a flexão morfológica por meio da trajetória ou da orientação da mão

⁷ Para recentes formulações nesse sentido veja Corbett (2006) ou Schembri (2009). Na verdade, Liddell (2000, 2003, por exemplo) tem argumentado contra a existência de uma concordância do ponto de vista linguístico nas línguas de sinais. Para ele o locus controla a forma do verbo, algo que não é de natureza morfológica. A propriedade dos verbos de estarem direcionados para localizações específicas é de ordem gestual e, conseqüentemente, o autor renomeia verbos de concordância como verbos indicativos.

para marcar a concordância não permite levar a conclusões de que não há concordância em um nível morfossintático mais profundo, como argumentado para a LSB.

Outro ponto de discordância neste domínio é sobre o inventário de traços que apresenta um papel na concordância das línguas de sinais e no sistema pronominal. Pessoa parece ser um tipo de traço-phi que é amplamente reconhecido na literatura, mas o leque de valores que pode apresentar é controverso (basicamente há propostas para três, duas, uma ou nenhuma pessoa).

Outra alternativa é dar conta dos aspectos particulares da concordância das línguas de sinais como derivado dos efeitos de modalidade. Uma proposta neste sentido é de Aronoff, Meir e Sandler (2005): concordância sintática consiste de índices referenciais que são inseridos sob certas condições sintáticas (envolvendo checagem de traços). A concordância morfológica nas línguas de sinais seria a realização marcada dos índices sintáticos. O índice é copiado de um controlador para o alvo da concordância. A especificidade das línguas de sinais seria que a concordância estaria expressa por meio dos índices referenciais diretamente, ou seja, por meio da cópia dos loci-R (referenciais) na posição morfológica correspondente de concordância verbal.

Aronoff, Meir e Sandler analisaram o caso específico da concordância morfológicamente marcada nos verbos das línguas de sinais como tendo duas posições abertas para determinar a direcionalidade da trajetória do sinal a la Meir (1998). Para verbos com concordância, haveria localizações em que a trajetória do verbo se direciona representando a mesma em direção ao objeto. Nesse sentido, a direção da trajetória dos verbos com concordância é determinada por papéis temáticos dos argumentos (FONTE-ALVO), enquanto que a orientação da mão é determinada pelos papéis sintáticos dos argumentos na posição de objeto. Como a interpretação semântica está envolvida, os verbos com concordância denotam transferência e movimentos dos verbos espaciais. Nessa perspectiva, a semântica dos verbos determina as classes verbais.

Considerando esta revisão das análises sobre a concordância, nós esperamos ter oferecido uma base para uma análise mais precisa dos processos de concordância nas línguas de sinais na direção de uma caracterização mais apropriada da dos controladores e dos traços da concordância nessas línguas. Na próxima seção, nós examinaremos os problemas empíricos e teóricos para estas propostas e nos concentraremos no caso que nos motivou a propor uma análise alternativa.

3. Problemas para as análises existentes

A partir da observação dos problemas da proposta de Padden de uma classificação tripartida dos verbos e uma separação rígida entre concordância sintática e locativa, precisamos considerar ainda outras dificuldades com as alternativas apresentadas anteriormente.

A proposta temática, como apresentada por Meir, reduz essencialmente a concordância nas línguas de sinais à concordância espacial com papéis temáticos locativos considerando concordância a partir de relações de transferência. Essa redução, no entanto, precisa enfrentar uma série de contra-argumentos:

(i) Um dos problemas mais sérios é a generalização empírica de que concordância nas línguas de sinais seja a realização de um morfema de trajetória ligado a uma interpretação semântica de transferência que nem sempre está disponível: a interpretação de transferência, mesmo em um nível metafórico, algumas vezes é muito difícil de ser estendida para os casos de predicados transitivos. Isso resulta especialmente visível com verbos com concordância que são transitivos puros e não bitransitivos, mas com concordância com o objeto direto, não com o objeto indireto. Os predicados em (13) são exemplos destes casos em LSB e em LSC, exemplos com verbos de concordância regular em (a) e verbos reversos em (b).

- (13) a. DEFEAT, DEFEND (LSB, LSC)
b. CHOOSE, SUMMON (LSB, LSC)

Além disso, mesmo que transferência seja considerada base de alguma análise semântica lexical desses predicados, alguns não realizam a concordância com a trajetória, como DEFENDER em LSC, por exemplo.

(ii) Relacionado com o problema anterior, é preciso considerar que o fato apresentado sobre o papel temático do segundo argumento de concordância nos verbos como sendo concordância de ALVO (*goal*). Nem sempre isso se aplica, pois frequentemente temos um TEMA também. Na LSB e na LSC, encontramos verbos transtivos (ambos regulares

e reversos) onde o segundo argumento com concordância é um TEMA e não um ALVO, como apresentado em (14).⁸

(14) PRESSIONAR, CONVIDAR (LSB, LSC)

(iii) Um dos argumentos mais contudentes refere à abordagem temática, pois a existência de concordância com auxiliares (AUX) que concordam com os sujeito e o objeto gramaticais, não apresentam papéis temáticos FONTE e ALVO.⁹ Como apontado por Mathur (2005) e Pfau e Steinbach (2005) para a língua de sinais alemã (DGS), Smith (1990) na língua de sinais taiwanesa e Bos (1994) para a língua de sinais holandesa (NGT), essa dissociação da concordância sintática parece ficar clara quando co-ocorre com os verbos reversos: a direção da trajetória de AUX é de sujeito para o objeto e se opõe a trajetória realizada pelo verbo lexical.

(15) a. IX-1 CRIANÇA 3-BUSCAR-1 1-AUX-3 (LSC)

‘Eu busquei a criança.’

b. MENINA 2-AUX-3 BUSCAR-3 (LSB)

‘Você busca a menina.’

Estes dados não têm sido observados ao se discutir sobre concordância nas línguas de sinais, apesar de sua enorme relevância.¹⁰ Estes dados constituem evidência contra uma abordagem temática para verbos com concordância e, também, contra a abordagem proposta por Liddell baseada na dêixis para explicar concordância. O AUX de concordância não aparece com verbos espaciais concordando com localizações ou

⁸ Existe uma dificuldade em determinar a grade temática dos predicados e isso deve ser considerado aqui. Em alguns trabalhos, parece ser determinado com base na glosa, com todos os riscos que isso implica usando intuições a partir de línguas faladas. Uma estratégia mais interessante parece é buscar a estrutura conceitual lexical de um predicado significada a partir da combinação com a lexicalização específica em uma dada língua, mas nas pesquisas em línguas de sinais isso, frequentemente, tem sido desconsiderado partindo de uma análise superficial dos componentes morfo-fonológicos do sinal e deixando de lado uma bateria de testes sintáticos que seriam necessárias, que podem ser desenvolvidas a partir de cada língua específica. Nós deixamos este problema metodológico e analítico de lado neste momento.

⁹ Como apresentado por Pfau & Steinbach (2005) e Steinbach (2005), um número significativo de línguas de sinais tem apresentado o que podemos chamar de auxiliares. Diferentes aspectos tem sido identificados interlinguisticamente. Na maioria dos casos, estes auxiliares marcam somente concordância sintática entre o sujeito e o objeto não podendo ser associados com outras instâncias flexionais, tais como aspecto. Nós nos concentramos aqui no aspecto mais discutido, ou seja, o “gramatical”, que é realizado por uma configuração de mão que se move da posição do sujeito para a localização do objeto, glosada como AUX.

¹⁰ Isso pode ter acontecido porque a ASL, assim como outras línguas de sinais, não tem um auxiliar de concordância.

com argumentos inanimados. Além disso, AUX aparece com predicados psicológicos na LSC que tipicamente são de estado não envolvendo interpretação de transferência.

Do lado dos problemas com a abordagem temática para as línguas de sinais, precisa discutir também as dificuldades com a proposta de animacidade de Rathmann e Mathur. De acordo com os autores, concordância restringe-se aos argumentos animados. No entanto, encontramos objetos inanimados como ilustrado em (16). Na análise deles, ter-se-iam que propor mecanismos adicionais para estes casos e, talvez, a necessidade de postular duas entradas lexicais para o verbo, o que não seria desejável.

- (16) a. IX-1 LIVRO 3-COMPRAR-1 (LSC)
'Eu comprei o livro.'
- b. ANOTAÇÕES IX-1 3-COPIAR-1 (LSB)
'Eu copiei as anotações.'

Além disso, os testes oferecidos por Rathmann e Mathur (2008) para distinguir os verbos de concordância dos verbos espaciais não se aplicam na LSB e na LSC. Primeiro, o argumento FONTE pode co-aparecer com o TEMA pessoal de um verbo com concordância, diferente do que os autores previram.¹¹

- (17) AEROPORTO IX-x MARIA IX-3 IX-2 2-BUSCAR-3
OK se somente se $x=3$, * if $x \neq 3$
'Você pega a Maria no aeroporto.'

Segundo, a modificação da trajetória tanto em verbos espaciais como em verbos com concordância é possível, somente com modificações específicas na forma resultante em uma leitura alternativa. A leitura obtida é de aspecto conativo ou de completivo postergado (cf. Brentari 1998). Essa leitura aspectual é a única gramatical no caso de verbo com concordância, como em (18a), e também é possível com verbos espaciais, como em (18b).

- (18) a. LIVRO JOÃO-i MARIA-j i-DAR-j (metade-do-caminho)

¹¹ Veja que no exemplo (4a) de Rathmann e Mathur, o predicado deveria ser BRING/CARRY, como em (4b), o que tornaria o exemplo gramatical. Em um tipo de transferência de DAR, o argumento FONTE e o seu possessor temporário deveriam coincidir, assim como a má formação do equivalente apresentado na tradução em inglês em (4a) também torna claro.

‘João quase deu o livro para a Maria.’

- b. LIVRO JOÃO-i ESCOLA-a LEVAR-a (metade-do-caminho)

‘João quase levou o livro para a escola.’

Terceiro, tanto TEMA como ALVO podem ser questionados com o mesmo verbo, como ilustrado no exemplo da LSB, a seguir:

- (19) a. _____qu
ONDE IX-1 1-BUSCAR-3 MULHER ONDE
‘Onde eu busco a mulher?’
- b. _____qu
QUEM PESSOA IX-1 1-BUSCAR-3 AEROPORTO QUEM
‘Quem eu devo buscar no aeroporto?’

Notem que o exemplo original apresentado por Rathmann e Mathur não resulta em exemplo gramatical (**To where did you give the paper?*).

Diante de todas evidências discutidas e da reavaliação dos argumentos existentes na literatura, fica claro que não é possível manter uma divisão exclusiva dos verbos em três classes morfossintáticas, como assumido usualmente. O que temos observado é que alguns verbos algumas vezes apresentam um comportamento híbrido na superfície, não somente entre classes de verbos de concordância e espaciais, mas também entre concordância marcada e não marcada. Outro aspecto decisivo é que as concordâncias sintática (sujeito-objeto) e locativa nem sempre são incompatíveis na mesma forma verbal. Além disso, nós evidenciamos a não propriedade de uma abordagem temática para a concordância. Entre as contra-evidências, apresentamos os AUX na LSB e na LSC que são instâncias puras de concordância sintática, o que fica claro com os verbos reversos. No entanto, a questão que ecoa é sobre a natureza da transferência realizada nesses verbos, se não for considerado concordância sintática. Na próxima seção, tentaremos recapitular e responder essa questão.

4. O que é concordância nos verbos reversos?

Uma generalização sobre os verbos reversos que não é mencionada comumente é que, diferente dos verbos com concordância ‘regular’, a maioria dos verbos reversos

não são bitransitivos. Isso pode ser observado nas listas de verbos reversos apresentada por Meir (1998) para a ASL e para a ISL:

(20)

ASL: COPIAR, EXTRAIR, CONVIDAR, FILAR, ROUBAR, PEGAR, TIRAR-VANTAGEM, TIRAR, ENROLAR, MENTIR

ISL: COPIAR, PEGAR, ESCOLHER, CONVIDAR, TIRAR-VANTAGEM, ADOPTAR, HERDAR, IMITAR, CHAMAR, IDENTIFICAR-COM

No levantamento da LSB e da LSC, a maioria dos verbos reversos não é bitransitiva.¹²

(21)

LSB: PEGAR, BUSCAR, ESCOLHER, COPIAR, IMITAR, PERCEBER, EXPLORAR, CONVIDAR, CHAMAR // PEDIR, EMPRESTAR, ROUBAR

LSC: PEGAR, COMPRAR, ESCOLHER, TOMAR, ADIVINHAR, CHAMAR, COPIAR, CONVIDAR, ENTENDER // PEDIR, ROUBAR, TAXAR

Surpreendentemente, a maioria desses predicados somente apresenta um argumento interno obrigatório que é assinalado com o papel-theta de TEMA e não de FONTE. Essa diferença não é trivial para as análises que se baseiam na trajetória reversa dos verbos reversos nas propriedades temáticas. Contra a proposta de Meir (2002), o único argumento interno deveria receber caso acusativo e não dativo.

Nossa proposta é de que a interação dos auxiliares com verbos reversos revela propriedades cruciais desta classe. Como mencionado acima, quando um auxiliar co-ocorre com um verbo reverso, a trajetória do sujeito para o objeto, oposta à trajetória do verbo realizada lexicalmente. Diferente da LSB, em que o AUX somente aparece com verbos reversos, na LSC, o AUX pode co-ocorrer tanto com verbos de concordância regular como com os verbos reversos.¹³

¹² Os verbos depois das duas barras são candidatos para uma análise bitransitiva.

¹³ O AUX não apresenta as mesmas propriedades na LSB e na LSC. Na LSB, o AUX não pode co-ocorrer com verbos com concordância quando flexionada, mas em elipses e estruturas de verbos com foco

(22) IX-x IX-y x-AUX-y y-BUSCAR-x (verbo reverso) (LSC)

‘Ela o buscou.’

(23) a.*VOVÓ-x VOVÔ-y x-AUX-y x-CUIDAR-y (verbo com concordância)

‘Vovó toma conta do vovô.’

b. IX-x IX-y x-AUX-y (y)-BUSCAR (verbo reverso) (LSB)

‘Ela o buscou.’

Interessantemente, na LSB esse é a única instância de ocorrência de AUX com verbos flexionados na sua forma não marcada. Além disso, a presença do auxiliar licencia uma forma alternativa do verbo reverso que é sem a trajetória, mas mantendo a orientação da mão em direção ao locus do argumento interno. Os verbos simples co-ocorrem com os predicados auxiliares.

(24) a. IX-x IX-y x-AUX-y (y)-PERCEBER (verbo reverso) (LSB)

‘Ela o percebeu.’

b. IX-x IX-y x-AUX-y CONVERSAR (verbo simples) (LSB)

‘Ela falou com ele.’

Nossa proposta para esta complicação é remover os verbos reversos da classe dos verbos com concordância e tratá-los como uma espécie de verbos manuais com trajetória, em que a trajetória concorda com locativos e não com argumentos pessoais. Isso é sustentado pelo fato de que o objeto pode ser algumas vezes inanimado, mas o sujeito deve ser sempre animado, como acontece com os predicados de classificadores manuais que referem aos predicados de manipulação (*handling*). Nessa perspectiva, a concordância da trajetória apresentada nos verbos reversos com o objeto não é concordância pessoal, mas locativa. Isso parece ainda mais consistente quando observamos os predicados reversos que envolvem operações manuais no âmbito de sua

pode co-ocorrer com verbos na forma não flexionada. Além disso, a sua distribuição sintática é mais restrita. Na LSC, AUX aparece como um predicado principal sem conteúdo semântico, quase como um verbo leve. AUX aparece mais livremente na sentença, diferente de outros auxiliares descritos em outras línguas de sinais. O AUX da LSC pode ter flexão aspectual. Além disso, pode co-ocorrer com verbos flexionados para expressar ênfase. Mesmo assim, essas diferenças são tangenciais para os argumentos apresentados aqui quanto a natureza da concordância.

interpretação, como o exemplo de PEGAR (que ainda poderia ser substituído por um classificador incorporando o livro).

(25) LIVRO-x x-PEGAR-1 (LSC/LSB)

‘Eu peguei o livro.’

Ainda, em alguns casos devemos aceitar uma transferência metafórica de uma operação manual para uma mais abstrata, como em COPIAR (26). Outro exemplo disso é o verbo ENTENDER na LSC (27), que, assim como a contraparte ‘*grasp*’ do inglês, liga a operação mental de entendimento a um movimento manual (*handling*). Em outros casos, tais como CONVIDAR, uma transferência metafórica pode ser menos óbvia, mas assumimos que há transferência metafórica com base na origem etimológica do sinal.

(26) LIVRO-x x-COPIAR-1 (LSC/LSB)

‘Eu copieie o livro.’

(27) LIVRO-x x-ENTENDER-1 (LSC)

‘Eu entendi o livro.’

Apesar de essa proposta precisar de análises mais detalhadas, a conclusão é clara: os verbos reversos não pertencem à classe de concordância “pura” dos verbos com concordância, mas recaem na classe dos verbos manuais (altamente lexicalizados), uma subclasse dos verbos transitivos espaciais.

Isso explica também porque certos verbos de transferência como TELEFONAR na LSB e na LSC, originalmente simples, passam a ser verbos com concordância por meio de um processo de morfologinização do afixo de concordância dentro do verbo lexical. Esse tipo de caso não parece ser observado com verbos reversos.

5. Retornando à concordância e às classes verbais

Após questionar a proposta clássica das classes verbais e da concordância nas línguas de sinais, bem como, a análise do tratamento da concordância com base temática, precisamos apresentar a caracterização apropriada da concordância e das classes verbais nas línguas de sinais.

Na mesma linha de Quadros (1999), os verbos nas línguas de sinais deveriam ser classificados em verbos com concordância e sem concordância (simples). Concordância é morfologicamente realizada como trajetória¹⁴ e a trajetória de concordância pode ser tanto com locativos (traços espaciais) ou R-loci (traços de pessoa e número). Na maioria das realizações, esses dois tipos de concordância são indistinguíveis, mas as evidências a partir de AUX na LSB e na LSC permitem concluir que ambos os tipos de concordância pode ser (e deveriam ser) diferenciadas. Uma peça crucial da análise nessa direção pode ser oferecida testando-se a co-ocorrência de AUX com verbos reversos. Como mencionado previamente, a trajetória de AUX é oposta à direção da trajetória dos verbos reversos que vai do objeto para o sujeito. Além disso, AUX ocorre apenas quando há concordância com argumentos animados. Uma vez que verbos reversos podem ter tanto objetos animados, como inanimados, AUX pode ocorrer somente com o primeiro e não com o segundo.

- | | | |
|------|--------------------------------|-----------|
| (28) | *LIVRO-x x-PEGAR-2 2-AUX-x | (LSC/LSB) |
| (29) | a. CRIANÇA-3 3-PEGAR-2 2-AUX-3 | (LSC) |
| | b. CRIANÇA-3 2-AUX-3 3-PEGAR | (LSB) |

A partir desta evidência, podemos concluir que somente R-loci com traços de pessoa entram na concordância de pessoa concordando com os argumentos gramaticais de sujeito e objeto. Essa evidência confirma que somente argumentos animados podem ter este tipo de traços nas línguas de sinais.¹⁵ A questão que ainda carece de resposta é que tipo de concordância é a concordância locativa. Neste ponto, nós sugerimos que a concordância locativa é um tipo de concordância com traços locativos. Nesse sentido, abre-se a possibilidade de termos a mesma trajetória concordando com argumento pessoal e com o argumento locativo na mesma forma verbal. Nós vimos várias instâncias empíricas com esta ambiguidade.

Outra consequência para esta proposta está relacionada com a concordância temática que não pode ser mantida como fator básico para explicar a trajetória gramatical dos verbos com concordância (tanto regulares como reversos) e verbos

¹⁴ Como dito anteriormente, aqui nós consideramos orientação como outra marca morfológica que expressa concordância tanto combinando-se com a trajetória ou não.

¹⁵ Uma exceção para esta generalização é de concordância em AUX com argumento de CAUSA inanimado em predicados psicológicos. O fator crucial é que estes argumentos nunca podem ter interpretação locativa.

espaciais. A análise FONTE-ALVO mostrou-se incorreta, uma vez que vários verbos de concordância não são bitransitivos, mas transitivos com objeto TEMA/PACIENTE. Além disso, se a estrutura temática fosse a motivação básica para a expressão da concordância, não esperaríamos encontrar variações entre as línguas ou mesmo na mesma língua. Contra-exemplos são encontrados na LSC e na LSB, onde uma mesma estrutura conceitual foi lexicalizada com a direcionalidade marcada de formas opostas nas duas línguas:

- (30) a. PERGUNTAR (LSB: regular vs. LSC: reverso)
b. PEDIR (LSB: reverso vs. LSC: regular)

Por outro lado, a mesma estrutura conceitual lexical na mesma língua pode apresentar ou não concordância nas formas lexicais¹⁶:

- (31) a. EMPRESTAR (LSC)
b. TELEFONAR (LSB)

Diante de todas estas evidências, parece não ser possível manter as propostas de análise de concordância e das classes verbais de Padden ou de Meir. Os resultados desses trabalhos têm sido muito úteis para entender o fenômeno em estudo, mas precisa ser defrontado com as análises apresentadas e parece que neste momento avançamos no sentido de uma análise mais acurada.

6. Conclusões

Depois da discussão apresentada neste artigo, o quadro que emerge sobre concordância e classes verbais nas línguas de sinais é significativamente modificado em relação às análises existentes previamente. Os verbos não simples (espaciais + concordância) em geral concordam tanto com argumentos locativos ou com argumentos pessoais. Os verbos reversos são verbos manuais lexicalizados mantendo uma trajetória determinada pela relação espacial de concordância, não pessoal.

¹⁶ Estes são casos de predicados que parecem ter concordância verbal a partir de um verbo simples, apesar de ambas formas coexistirem entre os sinalizantes simultaneamente.

Como mencionado acima, os traços de concordância pessoal e locativa são frequentemente indistinguíveis na superfície. Ainda, a estrutura argumental de cada predicado impõe certas restrições de licenciamento dos argumentos, como discutido sobre (7) e (8), por exemplo, onde o argumento na posição de sujeito de um predicado manual deve ser licenciado por traços de pessoa. Estamos ainda diante da ambiguidade do locus como locativo ou R-loci (por exemplo, em DIZER com concordância de pessoa vs. DIZER com concordância locativa no argumento ALVO). Nesse sentido, precisamos de mais pesquisas para determinar em que extensão um locus estabelecido para um referente animado pode ser ambíguo entre um locus de pessoa ou um locus espacial.

No entanto, a evidência trazida de formas não flexionadas superficialmente de verbos com concordância, que se comportam como formas flexionadas do ponto de vista sintático, constitui uma forte peça para afirmar a natureza sintática da concordância nas línguas de sinais levando a uma análise que vai além da questão morfológica, ou ainda de uma proposta com base gestual.

Agradecimentos

Esta pesquisa contou com parte de financiamento do CNPq, projeto #301993/2004-1 para R. M. de Quadros, CAPES/ PVE (Brasil) e do MEC (Espanha) por meio dos projetos BFF2003-04867 e HUM2006-08164/FILO para J. Quer. Nós queremos agradecer a Santiago Frigola, Delfina Aliaga (LSC), Nelson Pimenta e Rimar Romando (LSB) pelos dados filmados em clips para ilustrar os exemplos deste trabalho.

References

- Aronoff, M., I. Meir and W. Sandler. 2005. The paradox of sign language morphology. *Language* 81: 301-344.
- Baker, C. & Cokely, D. 1980. American Sign Language: a teacher's resource text on grammar and culture. [s.l.,s.n.]
- Bos, H. 1994. An auxiliary verb in Sign Language of The Netherlands. In *Perspectives on Sign Language Structure*, eds. I. Ahlgren, B. Bergman & M. Brennan, volume 1, 37-53. Durham: ISLA.

- Brentari, D. 1988. Backward Verbs in ASL: Agreement Re-opened. In *CLS 24, Papers from the 24th Annual Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, Part Two: Parasession on Agreement in Grammatical Theory*, eds. D. Brentari, G. Larson & L. MacLeod, 16-27. Chicago: CLS.
- Brentari, D. 1998. *A Prosodic Model of Sign Language Phonology*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Corbett, G.G. 2006. *Agreement*. Cambridge: CUP.
- Emmorey, K. 1991. Repetition Priming with Aspect and Agreement Morphology in American Sign Language. *Journal of Psycholinguistic Research*. 20:365-388.
- Fischer, S. & B. Gough. 1978. Verbs in American Sign Language. *SLS* 18: 17-48.
- Fischer, S. 1973. Verb Inflections in American Sign Language and Their Acquisition by the Deaf Child. Paper presented at the Winter Meeting of the Linguistic Society of America. [s.l.,s.n.].
- Fischer, S. 1996. The role of agreement and auxiliaries in sign languages. *Lingua* 98: 103-120.
- Janis, W. D. 1992. *Morphosyntax of the ASL verb phrase*. Doctoral dissertation, State University of New York at Buffalo.
- Janis, W. D. 1995. A crosslinguistic perspective on ASL verb agreement. In *Language, Gesture, and Space*. Karen Emmorey and Judy S. Reilly (eds.). Lawrence Erlbaum Associates, Publishers. Hillsdale, NJ. 255-286
- Kegl, J. 1985. *Locative relations in American Sign Language Word Formation, Syntax, and Discourse*. Doctoral dissertation. MIT.
- Liddell, S.K. 2003. *Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lillo-Martin, D. C. 1986. Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International. Ann Arbor. Michigan.
- Loew, R. C. 1984. *Roles and Reference in American Sign Language: A Development Perspective*. Doctoral dissertation. University of Minnesota.
- Mathur, G. 2000. *Verb Agreement as Alignment in Signed Languages*. Doctoral Dissertation, MIT.

- Meier, R.P. 1982. Icons, Analogues, and Morphemes: The Acquisition of Verb Agreement in American Sign Language. Doctoral dissertation, University of California, San Diego.
- Meier, R.P. 2002. The acquisition of verb agreement: Pointing out arguments for the linguistic status of agreement in signed languages. In *Directions in Sign Language Acquisition*, eds. G. Morgan & B. Woll, 115-141. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Meir, I. 1998. Syntactic-semantic interaction in Israeli Sign Language verbs: The case of backwards verbs. *Sign Language and Linguistics* 1.1: 3-37.
- Meir, I. 2002. A Cross-Modality Perspective on Verb Agreement. *NLLT* 20: 413-450.
- Neidle, C. et al. 2000. *The Syntax of American Sign Language. Functional Categories and Hierarchical Structure*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Padden, C.A. 1983/1988. *Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language*. New York/London: Garland Publishing.
- Padden, C. A. 1990. The Relation Between Space and Grammar in ASL Verb Morphology. In *Sign Language Research – Theoretical Issues*. Washington, DC: Gallaudet University Press. 118-132.
- Rathmann, C. & G. Mathur. 2008. Verb Agreement as a Linguistic Innovation in Signed Languages. In *Signs of the time*, ed. J. Quer. Seedorf: Signum Verlag.
- Quadros, R. M. de. 1995. As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre.
- Quadros, R. M. de. 1999. Phrase Structure of Brazilian Sign Language. Tese de Doutorado. PUC/RS. Porto Alegre.
- Sandler, W. & D. Lillo-Martin. 2006. *Sign Language and Linguistic Universals*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Schembri, A. 2009. No agreement on agreement in signed languages: Are we missing the point?. Talk delivered at the LSA Meeting.
- Schembri, A. & K. Cormier. 2009. Canonical typology of person agreement: Evidence from signed languages. Talk delivered at the Conference “Creating infrastructure for canonical typology”. Surrey.
- Smith, W.H. 1990. Evidence for Auxiliaries in Taiwan Sign Language. In *Theoretical Issues in Sign Language Research, Vol. 1: Linguistics*, eds. S.D. Fischer & P. Siple, 211-228. Chicago: University of Chicago Press.

- Steele, S. 1978. Word order variation: a typological study. In *Universals of Human Language. Vol. 4: Syntax*, eds. J. Greenberg et al., 585-623 Stanford: Stanford University Press.
- Steinbach, M. 2005. What do agreement auxiliaries reveal about the syntax of sign language agreement? Talk delivered at *Signa Volant*, Milano, June 23rd, 2005.
- Steinbach, M, & R. Pfau. 2007. Grammaticalization of auxiliaries in sign languages. In *Visible variation: Cross-linguistic studies on sign language structure*, Perniss, P., R. Pfau & M. Steinbach (eds.), 303-339. Berlin: Mouton de Gruyter,.
- Thompson, R., K. Emmorey & R. Kluender. 2006. The relation between eye gaze and verb agreement in American Sign Language: An eye-tracking study. *Natural Language & Linguistic Theory* 24: 571–604.